



A EVOLUÇÃO DO PASSISTA MASCULINO NA PERSPECTIVA DE VALCI PELÉ, UM “OPERÁRIO DO CARNAVAL”

THE EVOLUTION OF THE MALE PASSISTABY THE
PERSPECTIVE OF A “CARNIVAL WORKER”: VALCI PELÉ

Viviane de Sousa PEREIRA¹

Wallace Araujo de OLIVEIRA²

¹ Graduada em Letras (Inglês, Português, Literaturas) e em Secretariado Executivo Trilíngue (Universidade Estácio de Sá); Pós-graduada em Tradução de Inglês e em Ensino de Língua Inglesa (Universidade Estácio de Sá); Pós-graduanda em Figurino e Carnaval (Universidade Veiga de Almeida); Membro do Observatório de Carnaval (OBCAR-UFRJ). E-mail: vivisousailha@gmail.com

² Mestre e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS-UERJ); Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Turismólogo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); Docente da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação Patrimonial no Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN); Membro do Observatório de Carnaval (OBCAR-UFRJ). E-mail: wallacearaujo1982@hotmail.com





RESUMO

Este estudo teve por objetivo compreender a evolução do papel social e cultural do passista masculino no carnaval do Rio de Janeiro, nos últimos 40 anos, a partir do relato de Valci Pelé, referência do carnaval carioca. De abordagem qualitativa, o método de entrevista empregado buscou articular uma base teórica à notoriedade da experiência do entrevistado. Entendemos o presente estudo como uma contribuição para o diálogo ampliado entre o cenário acadêmico e o cenário do carnaval, bem como para a valorização da figura do passista masculino.

PALAVRAS-CHAVE

carnaval; passista masculino; dança; Valci Pelé.

ABSTRACT

This research aimed to comprehend the evolution of the social and cultural role of the malepassista in Rio de Janeiro's carnival in the last 40 years, though the view of Valci Pelé, a reference in Rio's carnival. From a qualitative approach, the used interview method tried to articulate a theoretical basis to the notoriety interviewee's experience. We understand the present paper as a contribution to the expanded dialogue between the academic scenario and the scenario of the carnival, as well as to the appreciation of the male passistafigure.

KEYWORDS

carnival; male passista; dance; Valci Pelé.





INTRODUÇÃO

Tudo que é vivo transforma-se constantemente. Ao longo de nossa existência, experimentamos a transformação vividamente, e ela se torna tão mais célere quanto avançam as tecnologias. Com o carnaval e as escolas de samba não poderia ser diferente, já que são instituições vivas, transformadas constantemente pela maneira de pensar, pelo modo de agir e de se comportar dos seus idealizadores e integrantes.

São diversos os motivos que levam as escolas de samba a se transformarem segundo exigências econômicas, estruturais, culturais, sociais, midiáticas, entre outros. No sentido de assimilar essas transformações no íntimo das escolas de samba, com o presente estudo adentramos um tradicional segmento das agremiações: a ala de passistas. Com o enfoque no gênero masculino, buscamos analisar as mudanças ocorridas dentro de um período de quarenta anos (1980 a 2020).

O carnaval é a maior festa popular brasileira e, a céu aberto, a maior do mundo. No Brasil, é comemorado em todo o país, de acordo com tradições e costumes de cada região. No Rio de Janeiro, o ritmo imperante nos festejos carnavalescos é o samba; aliás, esse é o ritmo mais representativo do Brasil. Oriundo da mistura de ritmos africanos e europeus, sua origem no estado data do final do século XIX. Sua importância implicou o registro das matrizes do samba do Rio de Janeiro, em 2007, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tornando-o oficialmente Patrimônio Cultural.

O samba carioca possui derivações como samba de terreiro, partido-alto e samba-enredo, e cada procedência possui sua forma peculiar de dança. A dança do samba não possui passos formais, coreografias fixas e nominadas.





Conforme exposto no Dossiê Matrizes do Samba do Rio de Janeiro, “Pode-se dizer que o samba é a expressão maior do corpo do sambista. É a resposta livre de sua alma à provocação do ritmo e à energia vibrante dos instrumentos de percussão” (IPHAN, 2007, p. 81).

Em se tratando de dançar o samba, há um grupo de praticantes que detêm o domínio dessa arte denominada como “samba no pé”: são os passistas, integrantes das agremiações, que existem nas escolas de samba desde o seu surgimento.

1. MALANDROS E PASSISTAS: QUEM SÃO?

Além da mulata, um dos representantes mais emblemáticos do samba é o malandro. A figura de chapéu de palha, terno branco impecável, camisa listrada e sapato lustrado caminha gingando e traz no modo de falar a imagem do samba. Mas quem é essa figura tão presente em canções, shows, peças teatrais, literaturas e na memória popular?

No início do século XX, com o movimento de modernização do Centro da Cidade do Rio de Janeiro, houve a expulsão da população pobre dessa região para as periferias. Foram surgindo os malandros, boêmios, em geral, mestiços e negros que transitavam entre as comunidades e o Centro. Adeptos de jogatina, cafetões, marginais, trabalhadores, não há definição precisa e generalizada das atividades dos lendários sambistas.

Segundo Matos (1982), a figura do malandro surgiu como forma de resistência ao descaso de um governo que, disposto a mudar as características da cidade, remodelando a arquitetura e embranquecendo a população, desprezou os cidadãos pobres e passou a oferecer a estes subempregos em condições próximas à abolida escravidão. As autoridades não ofereciam





condições dignas de trabalho para essa população, que, muitas vezes, resistia às condições impostas e ganhava a vida na ilegalidade.

O samba era o ritmo característico desses insurgentes, mas também forma de expressão dos que compunham e cantavam o ritmo nos botequins da cidade, durante as madrugadas. Alguns faziam dessa atividade meios de se conseguir renda extra. Pelo fato de o ritmo ser criado e praticado por uma camada social desprezada, as atividades que o envolviam eram vistas pelas elites como vadiagem. Todavia, em sua comunidade, os malandros sambistas eram respeitados e reconhecidos.

Na propagação das canções de samba através do rádio, o ritmo caiu no gosto popular. Chegaram às residências o vocabulário, a realidade do morro e o modo de vida da malandragem. O ritmo começou a ganhar a simpatia de todos. Entretanto, a censurana era de Getúlio Vargas tornou a boemia malvista e a figura do malandro passou a significar desordem. Neste contexto, o malandro foi obrigado a ceder ao sistema imposto, se encaixando à política trabalhista exigida, ainda que muitas vezes, de forma ilícita.

Essa remodelação é percebida na obra escrita por Chico Buarque, *Ópera do malandro*, de 1978. Na peça teatral, é apresentado o retrato do novo malandro da década de 40, que se aproveita dos benefícios concedidos pelo Estado para mascarar as atividades econômicas de caráter questionável. Ao longo das adaptações, o antigo malandro — cuja malemolência, trejeitos e aparência impecável inspiraram até Walt Disney na criação do personagem Zé Carioca — tornou-se uma figura mítica das escolas de samba do carnaval carioca, representada pelos passistas masculinos.

No *Dicionário da História Social do Samba* (LOPES & SIMAS, 2015), o termo “passista” se refere a homens e mulheres que desempenham a





dança do samba, e foi definido na década de 1960 em alusão àqueles que sambavam como que fazendo malabarismos com o corpo e acrobacias com o pandeiro: “Começaram a se destacar nas escolas grupos de ritmistas-passistas acrobatas. Tocando pandeiros e outros instrumentos leves, eles incluíam, em suas performances, figurações acrobáticas” (p. 214).

De acordo com Hélio Rainho (2020), “pra ‘dançar o samba’ é preciso entrar na roda. Pra ‘ser passista’ é preciso entrar em cena. Faça-se, pois, a distinção”.

Dizer que os passistas “dançam o samba” é uma definição deveras primitiva: o samba o país inteiro dança, e ninguém o faz com o garbo, a malemolência, a magia, os trejeitos que os passistas têm! A dança dos passistas é um fenômeno complexo da arte brasileira, que envolve performance, indumentária, improviso, vocação, técnica, domínio do corpo e um elo transcendental com raízes culturais e legados africanistas que contam a história e a vida social de nosso povo. (RAINHO, 2020).

Com o passar do tempo, os detentores do “samba no pé” se firmaram nos desfiles das escolas de samba. Apesar de não pontuarem, tornaram-se presença significativa e, segundo observações realizadas dos desfiles televisionados, o pequeno grupo começou a crescer e a ser organizado em ala a partir dos anos 80 — hoje em dia, ela comporta de 80 a 150 integrantes. Com o novo formato, surgiu a figura do coordenador de passistas, aquele que gerencia todos os assuntos ligados a este segmento nas agremiações.

2. VALCI PELÉ: PERCEPÇÕES DE UM “OPERÁRIO DO CARNAVAL”

Buscando identificar as variantes ocorridas da década de 1980 até o ano de 2020, dentro do segmento de passistas masculinos, foi realizada uma entrevista entre os dias 06 de julho e 15 de agosto de 2020, por meio do





aplicativo WhatsApp, com o autodeclarado “operário do carnaval”, Valci Lima, conhecido como “Valci Pelé”. Utilizamos o método de linha de investigação por entrevistas narrativas (BAUER & GASKELL, 2015) para a busca de dados. O entrevistado, em sua trajetória no samba, se conecta à própria história dos passistas desde o fim da década de 1980 até os dias atuais.

A importância de Valci para os passistas de escola de samba é tal que uma Lei Municipal, a de N.º 4462/02³, que define o dia 19 de janeiro como o Dia do Passista, foi promulgada pelo vereador José Carlos Rego em sua homenagem. Sua chegada ao universo do samba ocorreu em 1987, quando iniciou seu trabalho como chapeleiro no ateliê da G.R.E.S. Tradição e desfilou, pela primeira vez, em ala coreografada.

Levado para desfilhar como passista pela madrinha Nega Pelé (passista veterana da Portela), tornou-se coordenador de alas de passista na Caprichosos de Pilares e na Portela, onde realizou seu trabalho por mais de 20 anos. Também foi coreógrafo da comissão de frente da Filhos da Águia — escola mirim da Portela — e coreografou alas nas agremiações Portela, Caprichosos de Pilares e Cubango. Contudo, ainda participou de duas comissões de frente na Portela e de uma na Caprichosos de Pilares.

Fundou em 2001, com Nilce Fran, o Instituto de Cultura e Cidadania Primeiro Passo (ICCPP), que insere a cultura do samba e do carnaval no cotidiano de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. “As atividades do ICCPP são direcionadas a formar cidadãos com resgate social e dar um caminho através da arte; possibilitar de algum modo, para quem quiser, uma luz para a profissionalização”, diz Valci (2020).

³ Popularmente chamada de “Lei Valci Pelé”, esta lei foi revogada e inserida na consolidação municipal de eventos e datas comemorativas da cidade do Rio de Janeiro - Lei 5146/10, §1º, III.





Sou um autodidata, observador e pesquisador. A minha formação é na luta diária, com as histórias de cada aluno. Elas me fazem crescer e ser resiliente diante de cada problema. Acredito que seja pela educação que podemos transformar o mundo. Escolhi a arte como meio dessa transformação. (Valci Pelé, 2020)

Consolidando sua função de educador, em 2018, Valci lançou o livro infantil *Passo dos Sonhos* (Gramma Editora), que trata da importância do carnaval enquanto cultura popular, além de abordar temas como cidadania e respeito ao meio ambiente. A obra apresenta, ainda, os principais pontos turísticos e históricos do Rio de Janeiro, utilizando uma linguagem lúdica, para que seja facilmente incorporada em instituições de ensino públicas e privadas. A Escola Municipal Afrânio Peixoto (Andaraí, RJ) utilizou a obra para promover entre os alunos um estudo sobre carnaval e sustentabilidade. A missão de Valcitranscende, assim, a função de coreógrafo, alcançando outros âmbitos sociais.

Fiquei profundamente feliz! É como ver um filho caminhando por conta própria. É uma grande satisfação ver *Passo dos Sonhos* dar início à função de conscientizar, promover cidadania e mostrar que todos os sonhos são possíveis quando resolvemos dar o primeiro passo. Sinto gratidão porque estou contribuindo para nossa sociedade ser mais justa, produzindo oportunidades, principalmente para crianças. Educação é o único caminho a ser seguido. Minha felicidade cresce quando vejo que alunos da rede municipal passam a ter conhecimento do verdadeiro sentido do carnaval. Uma festa, porém, cultura. As crianças podem vivenciar, além da alegria, o sentimento de solidariedade, comprometimento com nossa cidade e o zelo com o meio ambiente. (Valci Pelé, 08/11/2019)

Valci lançará em 2021 o *Manual da Dança do Samba*, no qual serão apresentados os passos em execução, ilustrados com fotos e acompanhados de seus significados. Há dois anos, atua como coordenador da ala de passistas





da Unidos do Viradouro e como diretor responsável pela concepção artística e pelas coreografias do espetáculo *ViraShow*, realizado durante as finais da escolha do samba-enredo da agremiação. Em paralelo, também será o coreógrafo da comissão de frente da Unidos da Ponte em 2021.

Segundo Valci, há dois tipos de passista: os que possuem presença de palco, noção de espaço e conhecimento corporal para apresentações (não necessariamente exímios sambistas do samba rasgado⁴), denominados “passistas-show”; e os que sambam na quadra e assumem um compromisso de ensaios e desfiles com suas agremiações.

“Passista show” é o passista que reúne a capacidade técnica do samba/dança e a desenvoltura no palco. Alguns têm facilidade e se desenvolvem, pois têm talento, outros estão só com a perspectiva de desfilar. (Valci Pelé, 2020)

Com relação aos passistas masculinos, a profissionalização de sua posição tornou-os conhecidos como “malandros”, como destaca o entrevistado: “para os homens, pode ser o malandro ou apenas um passista que consiga a técnica de dança com a expressão corporal que exige o personagem malandro”. As mudanças seguiram a demanda das transições do carnaval e do mercado de shows. Nos anos 80 era necessário “sambar de fato” para fazer parte da ala e desfilar; e as exigências abrangiam frequência nos ensaios, participação das atividades da instituição e disciplina.

⁴ Segundo Valci, “É o samba que consiste no aprendizado dos módulos “Miudinho e Traçado”, exigindo muito mais que horas de treinamentos, que só a criatividade é capaz de explicar. Este constante aprendizado, para o qual nem sempre achamos necessário nos preparar, requer talento e saber misturar me doses certas, força e sensibilidade” (2020).





Perguntados sobre as mudanças na organização e posicionamento da ala de passistas nos desfiles, Valci afirma que, na década de 80, os passistas eram setorizados, mas esse formato foi sendo modificado de acordo com as necessidades e novos modelos de apresentação. A Unidos de Vila Isabel, nos anos 90 — quando as alas já eram compostas por grande número de pessoas —, criou uma ala diferenciada, cujas características se assemelhavam aos antigos agrupamentos de passistas durante o desfile.

Na década de 90, tive a honra de ser agraciado com o Prêmio Estandarte de Ouro em 1999, pertencendo a uma ala show formada somente com (06) passistas pelo G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel. Tínhamos mais liberdade de evoluir espalhados em grupos ou acompanhados de cabrochas (Mulatas). (Valci Pelé, 2020).

Quanto ao posicionamento da ala de passistas dentre os segmentos das escolas, Valci aponta que a organização se dá pelas características próprias do desfile. Porém, ele tecnicamente prefere a ala posicionada à frente da bateria, ao contrário do que muitas agremiações costumam fazer: elas tendem a utilizar a experiência destes componentes para realizar o recuo de bateria, posicionando-os atrás dos ritmistas. Segundo ele, a diferenciação ao longo dos anos aconteceu conforme a demanda do carnaval.

A influência dos carros alegóricos quando se tornaram grandes e verticalizados (a partir da “Era Joãozinho Trinta”) passou a mesclar, na análise de Valci, os destaques de luxo com as mulatas situadas à frente. Nos anos 90, esse espaço passou a ser ocupado por personalidades ou por mulatas que viraram musas, permanecendo assim até os dias atuais.





3. OS RISCADOS DA FUNÇÃO

No que tange às transposições na forma de dançar, nos shows e nos desfiles, Valci admite uma mudança natural durante as últimas décadas que acompanhou os novos tempos. Por ser uma atividade física, a dança requer um trabalho com o corpo para melhor realização da técnica. Para isso, utiliza-se da psicomotricidade, de valências físicas e de outras abordagens. Contudo, nos desfiles — diz Valci —, dada sua natureza coletiva, a técnica se tornou uma raridade. Nos shows, por outro lado, a exigência tornou-se maior.

Embora a improvisação caracterize o movimento dos passistas, a ele incorporam-se cada vez mais as coreografias, numa tendência progressiva de profissionalização — nota Valci —, sem que se percam, contudo, os chamados “Fundamentos da Dança do Samba”. Ele considera que o mais difícil é conciliar os fundamentos com essa profissionalização sem que se perca a identidade.

Questionado sobre as variadas formas de dançar dos passistas, muitas das quais transgridem o “típico masculino”, Valci responde que as alas possuem coordenações livres para imprimir sua forma de trabalho e seus critérios. Ele, contudo, vê importância na distinção dos diferentes papéis representados no samba e nas demais danças.

Sei que sou rotulado de tradicional. Mas a Dança do Samba tem seus fundamentos e sua técnica feminina e masculina. Cada um dança do jeito que quiser e como quiser, mas quando estamos nos apresentando, em nome de uma instituição, a dança do Passista Feminino é uma, a do Passista Masculino é outra, e se completam. Assim se faz em outras modalidades de dança: Ballet; Dança Urbana etc. (Valci Pelé, 2020)

No “Mundo do Samba” também há preconceito, como em todas as áreas e lugares:





São os mesmos preconceitos que qualquer preto sofre em um trabalho, espaço público, na sociedade em geral. As meninas são confundidas como objeto de uso sexual. A Dança do Samba é sensual, e não vulgar, e isto não significa que é um motivo para uma ação de assédio. No caso dos homens, há o preconceito quanto à orientação sexual, mas, num nível mais tolerável. Há muitos profissionais de diversas orientações sexuais que têm, nas escolas de samba, um amplo mercado de trabalho. São pessoas talentosas, que em outras empresas não seriam tão valorizadas. (Valci Pelé, 2020)

É perceptível a comutação realizada na indumentária de apresentação para shows, assim como nas fantasias de desfiles durante essas décadas, tanto no modelo quanto no material utilizado para confecção. Na observação de acervo de desfiles dos anos 80, os rapazes usavam, em sua maioria, camisa e calça. Alguns levavam, no máximo, pandeiros. Era uma roupa simples, mais próxima à vestimenta do malandro tradicional.

Com o passar dos anos, a fantasia foi se tornando cada vez mais elaborada, com enfeites, brilhos, chapéus enormes e até esplendores. Muitas vezes, eram confeccionadas roupas que atrapalhavam muito a performance do passista, o qual precisa de roupas leves que ofereçam liberdade nos movimentos. As agremiações passaram a dar às alas de passistas um caráter comum, como alas comerciais⁵.

Valci informa que o material da indumentária, assim como o corpo dos passistas, muda por uma necessidade do mercado, dos shows e das coreografias. Ele defende a liberdade de movimento, dizendo que quanto mais leve o material, melhor. Explica que hoje em dia, muitos carnavalescos

⁵ Alas cujas fantasias são comercializadas, retirando do comprador a obrigação do comparecimento aos ensaios e a outros compromissos com a agremiação.





conseguem perceber que, além de ser uma bela fantasia, a roupa de passistas precisa ser funcional.

Para ingressar na ala de passistas, o interessado precisa se inscrever e participar de uma seleção. Cada escola de samba faz a seleção de uma forma: alguns organizam um evento só para os testes, outras fazem os testes dentro da agenda de ensaios. Porém, há passistas que são convidados pelos coordenadores de alas. Depois que o sambista se torna integrante, ele precisa frequentar os ensaios, que ocorrem duas vezes por semana.

As exigências mudaram ao longo dos anos. Valci inclui, em sua avaliação, o comportamento e a identidade com a escola. No período de preparação para o Carnaval, a responsabilidade com o material (fantasias, elementos cenográficos) que a escola fornece é primordial. Para um bom preparo físico, solicitou a Viradouro o acesso a uma academia de ginástica pelos passistas. “Tudo isso se reflete em um bom desempenho no desfile e no Espetáculo *ViraShow*, que realizei nessas duas finais de samba”.

Confirmando o exercício da função, Valci criou o “*Juramento do Passista*”. É uma iniciativa para o reconhecimento da classe, cuja elaboração, nas palavras de Valci, é “para ser uma afirmação que consolide a valorização da nossa profissão. Essa afirmação tem que partir de dentro de nós. Isso simboliza um compromisso do passista com a arte da dança do samba. Quando nos valorizamos, a luta fica mais verdadeira”.

JURAMENTO DO PASSISTA:

Juro... nunca desistir da dança do samba, mesmo com toda a pressão, todas as tristezas, todo o cansaço e desilusão. Juro sambar atrás dos meus sonhos, sambar à frente dos meus desafios e permanecer firme e forte até a dispersão. Juro não perder a esperança de fazer o passo “tesoura” e ficar no ar sempre um centímetro acima do último salto. Juro sapatear na diagonal e no centro, e tentar manter o equilíbrio mesmo





quando o vento mais forte estiver por chegar. Juro segurar as lágrimas e sorrir mesmo que o enredo da minha vida esteja sem empolgação, pois o samba dançado é minha inspiração. Juro permanecer no palco de asfalto, mesmo com muitos calos e poucos expectadores, pois não existe dor naquilo que amamos fazer. Juro ser fiel ao sentimento que permanece desde sempre no meu coração, ser fiel à minha vontade e ao meu sonho... Juro ser fiel e não desistir daquilo que respiro e simplesmente inspiro por jamais deixar sair. Juro não jogar tudo pro alto, quando a vontade parecer escapar... pois esperarei e ela reaparecerá com a maior das intensidades... Juro amar, juro riscar o chão de poesias. e se preciso jurar: Juro ser assistente pra sempre! (Valci Pelé, 2011)

Quanto às oportunidades de trabalho, algumas mudanças foram percebidas, mas ainda são muito poucas. Com a internet, as pessoas em geral ganharam um espaço maior para conseguir notoriedade. Dessa forma, há divulgação ampliada de seus trabalhos, o que reflete uma aumentada demanda. “Tudo vai se profissionalizando e contribuindo para valorização de todos os artistas do Carnaval. Além disso, as redes sociais, hoje, ampliaram os contatos. No passado, era apenas paixão pela cultura” (Valci Pelé, 2020).

Há outros profissionais no mundo do samba que têm esse reconhecimento, mas para os assistentes ainda há um longo caminho a percorrer para uma justa valorização profissional. São poucos os que conseguem viver da arte da dança do samba. “Estamos ainda muito longe do reconhecimento profissional. Vivemos sem luxo, somos literalmente operários da dança. O meu universo não é como o da maioria, que pensa em viver da sua arte”. Para Valci, o termo “operário da dança” faz uma alusão ao dedicado trabalhador de uma fábrica, que se esmera para realizar o trabalho do qual se orgulha.

O que é um operário numa fábrica? É o elemento, talvez, que trabalha intensamente para ver seu produto, que se esforça a cada dia com foco e que não pode perder tempo na execução de suas tarefas. Tudo





tem que ser feito com disciplina, determinação e entrega para ver seu produto final realizado. Muitas das vezes olhamos um belo Carro Alegórico, feito por operários, às vezes esquecidos, mas que são fundamentais no processo. É assim que me coloco à disposição do samba. O Carnaval é nosso produto final e fico muito feliz em saber que trabalho para que esse espetáculo se realize. (Valci Pelé, 2020)

O caminho para o reconhecimento e a valorização da classe de passistas já está sendo traçado e percorrido por operários como Valci Pelé. Ele promove debates e reflexões sobre a obrigatoriedade da ala de passistas nos desfiles das escolas de samba e pretende se reunir com os dirigentes da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (LIESA) para levar este tema à discussão.

Vejo o meu segmento com muita força motriz que atrai público para as quadras das escolas. Realizamos shows, captamos rendimentos para nossas agremiações e, acima de tudo, estamos espalhando pelo mundo ensinamentos desta arte do passista... Temos este reconhecimento pelas comunidades, mas na grande festa de todos os sambistas, o nosso segmento não tem este reconhecimento, sendo necessário que seja dado o devido valor aos nossos Passistas. A obrigatoriedade de nosso segmento no Regulamento da LIESA nos daria reconhecimento, segurança e proteção à Dança do Samba, que é fundamental como a música e a bateria... A obrigatoriedade nos dá a certeza de preservar este fundamento como tantos outros do desfile. (Valci Pelé, 15/03/2019)

CONCLUSÃO

As transformações são inevitáveis em qualquer existência e as escolas de samba, ainda que reconhecidas como meio de resistência, são instituições cujos integrantes precisam de adaptação para garantir a própria sobrevivência.





Na esfera da ala de passistas masculinos, as mudanças trazem variações em diversos sentidos, como os que observamos nas declarações de Valci Pelé.

Na analogia de se pensar o passista como um operário do samba, o intenso trabalho desses artistas do carnaval traz os que se colocam à disposição para realizar a grande festa, aqueles que são fundamentais para as agremiações, mas nem sempre recebem o devido reconhecimento. Por mais que se risque um chão de poesias dentro e fora das quadras e avenidas, todo esforço precisa ser considerado e valorizado na medida em que esse capital humano traz sua paixão na função.

Assim, ainda que não pontuada, esta ala é uma fração imprescindível em qualquer escola, visto que leva a expressão do samba traduzido nos corpos dos passistas por meio da dança. Seus movimentos reivindicam a valorização de quem investiu seu corpo e sua alma em muito preparo, contribuindo grandiosamente para dar a esta festa a importância e a dimensão que ela tem.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Dossiê Matrizes do samba do Rio de Janeiro: partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo. Brasília, DF: Iphan/Minc, 2007. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/DossieSambaWeb.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

MATOS, Cláudia Neiva de. Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOLLANDA, Chico Buarque de. Ópera do malandro. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.





LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. Dicionário da história social do samba. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs). Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução Pedrinho Guareschi. 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

RAINHO, Hélio. Dia dos Passistas: a arte essencialmente singular. SRZD, 2020. Disponível em <https://www.srzd.com/colunas/helio-rainho/dia-dos-passistas/>. Acesso em 16 de jun. de 2020

REDAÇÃO SRZD. Valci Pelé promove cortejo celebrando o Dia do Passista. SRZD, 2017. Disponível em <http://abre.ai/brVk>. Acesso em 15 de ago. de 2020.

REGO, José Carlos. Dança do Samba - Exercício do Prazer. Rio de Janeiro: Aldeia/Imprensa Oficial RJ, 1996

VALCI PELÉ. O Passo dos Sonhos. Rio de Janeiro:Grama, 2018

VALCI PELÉ. Entrevista concedida a Viviane de Sousa Pereira. Rio de Janeiro, 06 de julho a 15 de agosto de 2020.

VALCI PELÉ. Instagram, perfil “@valci_pele”: 08/11/2019.Link de acesso: <https://www.instagram.com/p/B4mwocJHsq3/?igshid=1ogic8g7a4p9j>. Acesso em 15 de ago. de 2020.

VALCI PELÉ. Instagram, perfil “@valci_pele”: 11/03/2020.Link de acesso: https://www.instagram.com/p/B9mR66_H8sO/?igshid=ml6tocow87i9. Acesso em 15 de ago. de 2020.

